



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS**

TALITA DA ROCHA GAMA

**A SITUAÇÃO HUMANA EM TEMPOS DE PANDEMIA E A VISÃO BECKETTIANA
EM *ESPERANDO GODOT***

**CAMPINA GRANDE
2022**

TALITA DA ROCHA GAMA

**A SITUAÇÃO HUMANA EM TEMPOS DE PANDEMIA E A VISÃO BECKETTIANA
EM *ESPERANDO GODOT***

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Me. Joselito Porto de Lucena.

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G184s Gama, Talita da Rocha.

A situação humana em tempos de pandemia e a visão beckettiana em *Esperando Godot* [manuscrito] / Talita da Rocha Gama. - 2022.

16 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Me. Joselito Porto de Lucena ,
Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."

1. Literatura. 2. Pandemia de Covid-19. 3. Teatro do absurdo. 4. Beckett. I. Título

21. ed. CDD 372.66

TALITA DA ROCHA GAMA

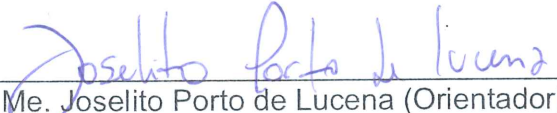
A SITUAÇÃO HUMANA EM TEMPOS DE PANDEMIA E A VISÃO BECKETTIANA
EM ESPERANDO GODOT

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento de Letras e
Artes da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciada em Letras
Inglês.

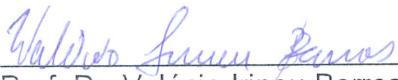
Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 09/09/2022.

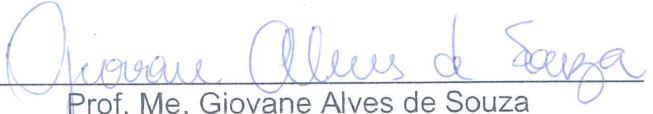
BANCA EXAMINADORA

 8.0

Prof. Me. Joselito Porto de Lucena (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 8.0

Prof. Dr. Valécio Irineu Barros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 8.0

Prof. Me. Giovane Alves de Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	4
2	A CONDIÇÃO HUMANA E A LITERATURA	6
2.1	A literatura e o caos.....	6
2.2	<i>Esperando Godot</i> de Samuel Beckett e a similaridade temporal atual	8
2.3	<i>Esperando Godot</i> e sua correlação com a Pandemia de Covid-19	11
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	13
	REFERÊNCIAS	14

A SITUAÇÃO HUMANA EM TEMPOS DE PANDEMIA E A VISÃO BECKETTIANA EM *ESPERANDO GODOT*

THE HUMAN SITUATION IN THE PANDEMIC MOMENT AND THE BECKETTIAN PERCEPTION IN *WAITING FOR GODOT*

Talita da Rocha Gama*

RESUMO

Este artigo é uma pesquisa bibliográfica que busca relacionar o cenário contemporâneo da humanidade com a obra *Esperando Godot* (1952), de Samuel Beckett. Essa peça foi escolhida para a realização desse trabalho uma vez que demonstra como o existencialismo pode ser evidenciado em momentos de crise. O objetivo principal do presente estudo é identificar as similaridades do caos humanitário vivido atualmente por conta da pandemia de Covid-19 com a situação dos personagens, constatando a importância da literatura e o poder de perpetuação dos cenários sociais nas obras literárias. O trabalho verificou a influência do gênero estudado sobre as temáticas abordadas na obra e como discussões existencialistas da época do modernismo e pós-guerra do século XX, influenciam a sociedade, de forma a facilitar o entendimento a respeito das crises vividas em nossa realidade.

Palavras-chave: Literatura. Pandemia. Teatro do absurdo.

ABSTRACT

This article is a bibliographical research that seeks to relate the contemporary scenario of humanity with the work "Waiting for Godot" (1952) by Samuel Beckett. This work was chosen for this research as it demonstrates how existentialism can be evidenced in moments of crisis. The main objective of the present study is to identify the similarities of the humanitarian chaos currently experienced by the covid-19 pandemic and the situation of the characters, observing the importance of literature and the power of perpetuation of social scenarios in literary works. The work verified the influence of the studied genre on the themes addressed in the work and how existentialist discussions from the time of modernism and post-war of the 20th century influence society, in order to facilitate the understanding of the crises experienced in our reality.

Keywords: Literature. Pandemic. Theater of the absurd.

1 INTRODUÇÃO

A literatura sempre teve a sua contribuição para a vivência social, assim, acompanhou ao longo de sua evolução, a evolução do mundo. É possível notar em algumas obras a caracterização de certos momentos históricos vividos por nossa sociedade; outras vezes, é possível enxergar a nossa realidade atual em obras já consagradas em tempos antigos. Isso pode se justificar pelo processo cíclico que nossa civilização e história parecem viver.

*Graduanda em Letras - Inglês. Professora de Língua Inglesa. E-mail: talitaarocha78@gmail.com

Ao iniciarmos este trabalho é necessária fazer uma contextualização da importância da literatura frente à vida do ser humano, uma vez que é preciso compreender como a literatura contribui de forma direta em nossa vida. Nesta perspectiva, Ribeiro (2020) afirma que a literatura é fundamental para a construção de conhecimentos e para o desenvolvimento intelectual e ético do ser humano.

A dramaturgia é um gênero imprescindível que cria nos seus espectadores as possibilidades que oportunizam o desenvolvimento do gosto pela leitura por intermédio de textos interativos, uma vez que uma das características primordiais do bom leitor é o seu envolvimento com a obra literária (GRAZIOLI, 2019). Encontrar significado quando se lê, procurar compreender o texto e relacioná-lo com o mundo à sua volta, construindo e elaborando novos significados do que foi lido.

Para isso, é preciso que o drama possua um texto estimulante ao imaginário coletivo. Dessa maneira, o objetivo escolhido para este estudo é analisar as concepções literárias do existencialismo e do absurdo humano na obra dramática, representada pelos personagens de Samuel Beckett com a situação humana no cenário pandêmico.

A peça supracitada foi escolhida para embasar essa pesquisa uma vez que demonstra como o existencialismo pode ser evidenciado em momentos de crise. Essa contraposição da dramaturgia com o cenário contemporâneo se dará na sondagem das paridades entre o contexto pandêmico do Covid-19 com a influência da obra na questão das crises humanitárias, tal como a Segunda Guerra Mundial, contexto esse que surgiu um dos seus trabalhos mais importantes.

Para o desenvolvimento deste artigo utilizou-se como principal método a pesquisa bibliográfica, consistindo em uma análise a respeito da obra *Esperando Godot* (1952), tendo como referências autores que pesquisam, a respeito da área temática, como Esslin (2018), Thomé e Della Giustina (2019), entre outros. A pesquisa bibliográfica, segundo Boccato (2006, p. 266), consiste na:

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação (BOCCATO, 2006, p. 266).

Com isso, foi utilizada como metodologia a descrição da obra e a comparação com o cenário atual, evidenciando como os personagens refletem as nossas relações, no que tange à espera circular, à repetição e ao esgotamento, utilizando recortes dos dois atos que compõem esta peça.

O presente estudo parte da hipótese que nossa realidade se assemelha aos momentos já narrados na obra, no que diz respeito aos conceitos de absurdo e existencialismo, presentes em *Esperando Godot* (1952). Dessa forma, este trabalho procura ponderar a situação atual do ser humano e comparar com os personagens da referida obra, buscando assim, fazer uma reflexão das crises humanitárias e o posicionamento do ser humano nesses momentos, buscando entender as referências do Teatro do Absurdo tanto na obra, quanto no cenário social atual. Avaliando a correlação entre a obra de Samuel Beckett, *Esperando Godot* (1952) e o momento de pandemia que presenciamos.

O desenvolvimento do tema proposto realizar-se-á em três partes. Em primeiro tem-se esta Introdução, na qual são destacados a temática, o objetivo do trabalho e a metodologia. Na segunda parte, apresenta-se a importância da literatura como um elo fundamental que transcende os cenários e vivências temporais, explorando assim a concepção da obra de Beckett com similaridades ao analisar a realidade da pandemia da Covid-19 com a ficção de *Esperando Godot* (1952) e por último apresentam-se as conclusões do estudo.

2 A CONDIÇÃO HUMANA E A LITERATURA

2.1 A literatura e o caos

A literatura sempre acompanha os fatos históricos da sociedade, deixando cravado na história, por meio de obras literárias as vivências de outrora. A literatura tem o poder de nos transportar para lugares inimagináveis, sendo capaz de nos fazer viver experiências indescritíveis e é responsável por nos transportar no tempo (RIBEIRO, 2020). Por diversas vezes a literatura nos mostra um cenário atual em textos antigos, quase como uma sensação constante de *déjà-vu*. Essa sensação pode ser explicada pelo pensamento do eterno retorno de Nietzsche (1844 – 1900) que acredita na ciclicidade da vida. Por vezes, a literatura retrata o cenário contemporâneo, todavia, esse cenário é cíclico e se repete de tempos em tempos (PINA, 2020).

O mundo viveu, recentemente, um momento catastrófico com a chegada da pandemia do Covid-19. Como explica Siqueira et al. (2020), foi em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, que foram identificados os primeiros casos de uma nova doença, a Covid-19, provocada por um dos tipos de coronavírus (Sars-Cov2). Tal enfermidade é responsável por causar graves transtornos respiratórios nos contaminados. Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS), reconheceu oficialmente a pandemia da nova doença.

Durante a pandemia, a vida em sociedade, sinalizou dinâmicas de viver e trabalhar em um contexto diferente daquele ao qual a população estava habituada, no qual a distância e o isolamento social tornaram-se a medida de proteção e segurança para as pessoas. Essa realidade trouxe consigo também uma gama de incertezas para toda a humanidade, devido ao número de mortos, crises sociais, políticas e econômicas, além da incerteza sobre os tratamentos (SIQUEIRA et al., 2020; FREITAS; NAPIMOGA; DONALISIO, 2020).

Frente a essa realidade, o mundo passou por um desabastecimento generalizado, desde matérias primas para computadores, até matérias de equipamentos de segurança hospitalar. O desabastecimento no começo da pandemia referente aos materiais mais básicos de prevenção e combate à doença foi: a falta de máscaras, álcool em gel e, principalmente, as vacinas, que, mesmo quando foram desenvolvidas, passaram por um momento de escassez (BISPO, 2021). Freitas, Napimoga e Donalísio (2020) demonstraram a trajetória da pandemia no mundo e principalmente no Brasil da seguinte forma:

No Brasil, a orientação para os indivíduos sintomáticos (com coriza, febre e tosse) procurarem as unidades de atenção primária em saúde poderá desencadear altas taxas de incidência em profissionais dessa rede, frente à carência de estrutura e dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), já constatada pelos órgãos públicos. Para superação desse desafio, vários países têm proposto a criação de unidades específicas para avaliação

clínica de pessoas de média gravidade, possibilitando a concentração de investimentos em equipamentos e a liberação dos fluxos nas unidades de maior complexidade, necessária para os casos mais graves (FREITAS; NAPIMOGA; DONALISIO, 2020, p. 02).

Entretanto, outros surtos já afetaram o mundo a nível pandêmico, e tornaram o ambiente tão caótico como o período vivido com o Covid-19. Dentre os principais acontecimentos históricos pandêmicos destaca-se, a peste bubônica, também chamada de peste negra, que aterrorizou a Europa entre 1348 e 1353, e transformou o mundo em um caos e vitimou milhares de pessoas (NASCIMENTO; SILVA, 2013). Os períodos da primeira guerra mundial (1914-1918) e a segunda guerra mundial (1939-1945) também representaram marcos históricos caóticos vividos pela humanidade. A literatura veio representando os acontecimentos das épocas, deixando seu legado da dramática situação do ser humano em forma de epopeias, contos, romances, poesias, etc., para a história literária até os dias atuais, no qual as obras literárias representam um alerta sobre a situação que o mundo vive (SIMONI, 2007). Destaca-se:

Pestes foram constantes na história da humanidade e muitas ganharam um contorno mais nítido, para além das estatísticas, por meio de narrativas literárias. A peste negra, uma das grandes tragédias vividas pela humanidade, que assolou a Europa a partir de 1348, encontra na ficção uma de suas melhores descrições. O livro *Decameron* de Giovanni Boccaccio (1313-1375), escrito entre 1348 e 1353, situa-nos, já no início de sua narrativa, em um cenário quase apocalíptico que se abate sobre a cidade de Florença e no qual praticamente não há espaço para atitudes virtuosas, compaixão ou respeito às leis. Diante da incerteza em relação ao futuro, urge salvar-se a si mesmo, havendo pouca margem para a solidariedade e a empatia. Nem mesmo os laços familiares eram o suficiente para garantir que a morte não fosse solitária, pois pais, filhos e irmãos abandonavam-se uns aos outros, negando-se a prestar ajuda ou socorro em prol de salvar cada um a sua vida (ESTIMA et al., 2021, p.54).

Assim, pode-se perceber que as crises humanitárias sempre estiveram representadas na literatura nacional e mundial. Tais crises são inspirações de obras literárias e outras vezes cenários do desenrolar de tais obras. No caso da obra *Decamerão* (1348-1353), o cenário caótico é utilizado como ponte de partida para obra, uma vez que foi vivenciada pelo autor Boccaccio. Desta forma podemos perceber o caos em passagens como:

[...] Em sua maioria, tal gente era retida nas próprias casas, ou por esperança ou por pobreza. Ficando, deste modo, nas proximidades dos doentes e dos mortos, os que sobreviviam ficavam doentes aos milhares por dia; como não eram medicados, nem recebiam ajuda de espécie alguma, morriam todos quase sem redenção. Muitos eram os que findavam seus dias na rua, de dia ou de noite. Inúmeros outros, mesmo morrendo em suas residências, levavam os seus vizinhos a não se manifestarem, mais por causa do mau cheiro dos corpos em decomposição do que por outro motivo. [...] Tão grande era o número de mortos que, escasseando os caixões, os cadáveres eram postos em cima de simples tábuas. Não foi só um caixão a receber dois ou três corpos simultaneamente. [...] os operários, míseros e pobres, faleciam. Tombavam sem vida, pelas vilas isoladas e pelos campos, com suas famílias, sem nenhuma ajuda de médico, nem auxílio de servidor; faleciam não como homens, mas sim como animais, nas ruas, nas plantações, nas casas, dia e noite, ao deus-dará (BOCCACCIO, 1971, p. 17-18).

O autor da obra descrita fez uma narração detalhada do que era vivido durante o processo de pandemia da peste negra. Caso uma pessoa chegue a ler esse trecho sem saber que foi escrito há tantos anos, pode confundir com o cenário pandêmico do Covid-19. Em alguns telejornais foram relatados casos de superlotação de enfermos, de acúmulos de corpos e de corpos enterrados sem caixões e em covas coletivas.

Assim, a obra *Decamerão* (1348-1353), quando lida em trechos isolados, parece retratar a realidade recente da pandemia do Covid-19, mostrando o quanto o universo é cíclico e como as tragédias no âmbito da saúde tendem a acontecer de tempos em tempos. Dessa forma, a literatura, tem a grande função de apresentar o que já foi vivido e eternizar momentos históricos como esses.

Muitas dessas questões refletem sobre como o ser humano é influenciável por forças superiores, o quão as crenças na vida cíclica se confundem com nossa realidade, assim como existem aqueles que acreditam na obra do acaso, ou no desejo de um ser supremo, um Deus. Assim, a busca pelo entendimento dos fenômenos que cercam a humanidade no presente e no passado leva o ser humano a buscar o sentido da existência. Sartre (2006) na obra *O Existencialismo é um Humanismo*, demonstra a busca do ser humano em sua constante reafirmação e o esforço humanitário em acreditar em forças superiores, como destaca:

Após essas reflexões, vemos que nada é mais injusto do que as acusações de que fomos alvo. O existencialismo nada mais é do que um esforço para tirar todas as consequências de uma postura atéia coerente. Esta não pretende, de modo algum, mergulhar o homem no desespero. Mas se, tal como fazem os cristãos, se decide chamar desespero a qualquer atitude de descrença, nossa postura parte do desespero original. O existencialismo não é tanto um ateísmo no sentido em que se esforçaria por demonstrar que Deus não existe. Ele declara, mais exatamente: mesmo que Deus existisse, nada mudaria; eis nosso ponto de vista. Não que acreditemos que Deus exista, mas pensamos que o problema não é o de sua existência; é preciso que o homem se reencontre e se convença de que nada pode salvá-lo dele próprio, nem mesmo uma prova válida da existência de Deus. Nesse sentido, o existencialismo é um otimismo, uma doutrina de ação, e só por má fé é que os cristãos, confundindo o seu próprio desespero com o nosso, podem chamar-nos de desesperados (SARTRE, 2006, p. 48).

A partir do trecho citado, observa-se que o autor descreve a má fé¹ e a universalidade do homem, colocando-o como ser supremo de sua existência e demonstrando a angústia de não conseguir salvar-se, mesmo sendo o ser central de sua existência.

2.2 Esperando Godot de Samuel Beckett e a similaridade temporal atual

A peça *Esperando Godot* foi escrita no período pós-Guerra (1946/53) pelo irlandês Samuel Beckett (1906-1989), um dos mais ilustres representantes da corrente que ficou (convencionalmente) conhecida como Teatro do Absurdo (BONADIO, 2008). Para entendermos como a peça reflete a realidade do autor e se

¹A má fé é, para Sartre, um modo de negar-se a si mesmo naquilo que se é, ou seja, como um ser para si mesmo (que é nada com relação ao ser em si). Disponível em: <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia>. Acesso em: 12 set. 2022.

assemelha ao cotidiano da sociedade atual, é necessário compreendermos a respeito da origem da obra:

A peça *Esperando Godot* foi escrita entre outubro de 1948 e janeiro de 1949. Publicada em 1952, estreou em Paris em 1953 em um pequeno teatro. Embora Beckett fosse irlandês, a peça foi escrita originalmente em língua francesa com o título *En attendant Godot*. Em 1955, o próprio autor traduziu seu texto para o inglês (ou publicou um segundo original de uma obra bilíngue). As recepções iniciais das encenações foram inicialmente de hostilidade (THOMÉ; DELLA GIUSTINA, 2019, p. 91).

A peça é obra de curta duração, pois seu enredo se desenrola em apenas dois dias em um cenário minimalista. Contudo, apesar de breve, o texto representa com eficiência o Teatro do Absurdo e suas minúcias. Caracterizada pela aparente falta de sentido, a peça se tornou destaque mundial justamente por essa característica, como mostra a passagem a seguir:

Esperando Godot é encenada em um palco vazio, à exceção de uma árvore desnuda que compõe o cenário. Em dois atos, dois dias, os dois personagens principais, Vladimir e Estragon (Didi e Gogo), mantêm um diálogo para distraírem-se enquanto esperam por Godot (God-ot) que nunca chega. Eles se deixam ficar na expectativa, não obstante a ausência de garantia de que algo novo ocorra. Essa certamente é a obra mais célebre de Beckett e a mais associada ao seu nome, destacando-se, sobretudo por ter inovado no gênero dramático ao trazer a indefinição para o palco. Uma obra-prima moderna justamente por não fazer sentido para ninguém. O riso, quando ocorre, é desconfortável e por vezes culpado (THOMÉ; DELLA GIUSTINA, 2019, p. 92).

Na obra em questão cabe avaliar por meio da narrativa, a descrição dos personagens, o enredo, as angústias vividas pelo autor na época em que escrevia a obra. É possível notar nas entrelinhas da peça o Teatro do Absurdo, definição desenvolvida por Esslin na década de 50. A definição de Teatro do Absurdo passa por uma concepção na qual a obra é desenvolvida com características como a desolação, a solidão a falta de comunicação do homem moderno por meio de alguns traços estilísticos e temas que divergem (SILVA FILHO, 2020).

Já no primeiro ato da obra é possível notar o viés existencialista. Os personagens já começam a peça sob um clima de incertezas e certo negativismo, uma desesperança contagiante, como se pode observar na passagem a seguir:

Trecho 1:

VLADIMIR - Amanhã nos enforcamos. (Pausa) A não ser que Godot venha.

ESTRAGON - E se vier?

VLADIMIR - Estaremos salvos (BECKETT, 2017, p. 99).

A peça *Esperando Godot* é cheia de desencontros temporais e de ideias, que permitem teóricos e estudiosos a classificarem como Teatro do Absurdo, mostrando sempre o desejo suicida dos personagens em contrapartida com a fé em dia melhores, uma das passagens que deixam explícitas essa confusão é a seguinte:

Trecho 2:

VLADIMIR - Repare bem na árvore.

ESTRAGON - Nunca se desce duas vezes pelo mesmo pus.

VLADIMIR - A árvore, preste atenção na árvore.

Estragon olha para a árvore.

ESTRAGON - Não estava aí ontem?

VLADIMIR - Claro que estava. Esqueceu? Estivemos a ponto de nos enforcarmos nela. (Pensa) É, é assim mesmo. (Separando as sílabas) Enfor-car-mos-ne-la. Mas você não quis. Não está lembrado?

ESTRAGON - Você sonhou.

VLADIMIR - Será possível que já tenha esquecido?

ESTRAGON - Comigo é assim mesmo. Ou esqueço na hora ou nunca mais.

VLADIMIR - E Pozzo e Lucky? Esqueceu também?

ESTRAGON - Pozzo e Lucky?

VLADIMIR - Ele apagou tudo! (BECKETT, 2017, p. 78-79).

Na passagem descrita, os personagens mostram incongruências com relação aos fatos acontecidos, mostrando os desencontros de pontos de vista, como descrevem Thomé e Della Giustina: “Em *Esperando Godot* (1952), a gagueira, a duplicidade, a simetria repetitiva, causam a sensação de que se está revendo o mesmo acontecimento em dois dias diferentes, porém com incerteza” (2019, p. 95). A todo tempo, a peça se assimila a realidade que se vive, às incertezas do mundo contemporâneo. Destaca-se o que dizem os autores a seguir:

Assim como quando se quer retomar um dia num passado distante ou uma lembrança nebulosa, o tempo, a memória se confunde, aparece difuso. Nesse sentido, *Godot* parece com uma lembrança na qual não se pode confiar, e aponta para o absurdo que é a tentativa da mente humana de organizar um dia seguido do outro, aprisionando o tempo no calendário e nos relógios. *Esperando Godot* joga com a escrita que constrói e desconstrói, define e depois dúvida. Assim também é a vida, vivida no presente e depois recontada na memória, esquecida, desconstruída. O que passou nunca será lembrado fielmente (THOMÉ; DELLA GIUSTINA, 2019, p. 92).

Assim como na peça, os momentos pandêmicos retratados em diversos momentos da história são de incertezas como as dúvidas trazidas pela pandemia do Covid-19. A vivência atual, o amanhã cada vez mais é incerto. Logicamente o planejamento em longo prazo não é algo a ser esquecido, todavia é imprescindível viver o agora. Em um mundo de incertezas, só temos certeza do que vivemos e essa certeza é individual, assim como os personagens em *Esperando Godot* (1952), como se pode ver a seguir:

Trecho 3:

VLADIMIR - Disse que Godot virá amanhã, com toda a certeza. (Pausa) O que me diz disso?

ESTRAGON - Então é só esperar aqui.

VLADIMIR - Está maluco! Precisamos de abrigo. (Toma Estragon pelo braço) Venha.

(Puxa-o. Estragon deixa-se levar, depois resiste. Param)

ESTRAGON - (olhando para a árvore) Pena que não temos um pedaço de corda (BECKETT, 2017, p. 59).

A passagem descrita reflete no mundo de incertezas dos personagens e a sensação que é passada ao leitor durante toda obra. Os personagens passaram todo o enredo na esperança por Godot e na constante obsessão por dar fim a própria vida, onde inúmeras vezes eles colocaram o suicídio como uma possibilidade e a peça acabou com essa incógnita, será que os personagens encontraram Godot? Será que se enfocaram? São dúvidas que o leitor leva consigo, assim como traçando um paralelo entre a condição recente de espera por conta da pandemia do Covid-19, em que comparada a obra de Beckett, foi tido uma época em que a sociedade seguiu angustiada esperando uma solução para pandemia, que seria a vacina, e apesar desta já ser uma realidade (a chegada das vacinas contra o

Covid-19), ainda se vive na incerteza do retorno de crises e de toda a tormenta vivenciada.

2.3 *Esperando Godot* e sua correlação com a Pandemia de Covid-19

Na obra *Esperando Godot* (1952), inúmeras questões, discussões filosóficas e universais, são problematizadas pelo autor ao leitor-espectador, que começa a refletir assim como os personagens, por meio das imagens e das memórias que são uma forma de síntese de toda a Europa destruída após seis anos de guerra (1939-1945), dividida, desconfiada, fraturada. Reis (2021) destaca que, o interessante é refletir não no tempo do enredo, mas no tempo do nosso domínio público-privado, ou seja, a reflexão é a partir do que incomoda o leitor-espectador com essa espera a partir da realidade presente, como a situação pandêmica do Covid-19 que tomou o mundo entre 2020 e 2021.

Diante disso, *Esperando Godot* resume a sociedade moderna, sempre à espera por algo que sacie seus anseios nos aspectos profissional, pessoal, familiar, amoroso, econômico etc. Vivemos inertes, estáticos, na busca por um contentamento inalcançável. Estragon e Vladimir revelam mais de nós mesmos do que acreditamos saber (REIS, 2021). Beckett demonstrou algo parecido em suas obras, como podemos aferir a seguir:

Ao mesmo tempo em que Beckett desconstrói as bases formais da representação, tentando se desvencilhar desta última já esgotada, ele constrói novas formas de expressão do *status quo* de seu tempo, não somente ao que se refere ao conteúdo, mas, principalmente na forma, testando até as últimas consequências os limites da linguagem e da expressão. Dessa maneira, a partir das obras de Samuel Beckett, poderíamos nos indagar a respeito de um paralelismo formal no processo de criação, ou seja, na relação existente entre a arte e o contexto histórico-filosófico de nossa contemporaneidade (KOBORI, 2019, p. 124).

É essa realidade que se observa na obra *Esperando Godot* (1952) de Samuel Beckett. O existencialismo² presente na obra, remete por várias vezes à nossa realidade. Através da, aparentemente, aleatória mudança de assunto dos personagens, o autor busca destacar a sensação de absurdo³, que vai se tornando cada vez mais evidente ao longo da obra, e nos provoca a não apenas esperar a vida toda por um Godot que não vem, como observa Beckett na declaração a seguir:

[...] Esses gritos de socorro que ainda reboam em nossos ouvidos foram dirigidos à humanidade inteira! [...] Vamos fazer o melhor que pudermos, antes que seja tarde demais! Vamos representar com dignidade, pelo menos uma vez o papel que um destino cruel nos reservou [...] É evidente também que, se ficarmos de braços cruzados, sem fazer nada, pensando os prós e os contras, também faremos justiça à nossa condição (BECKETT, 2017, p. 153).

Por vezes os personagens ficam à deriva, esperando por algo que não sabem explicar. Uma esperança cega, sem percepção do tempo, mas esperando algo melhor. No caso dos personagens, em *Esperando "Godot"*. É nesse cenário que a

² Corrente filosófica e movimento intelectual que tem a existência humana como principal objeto de pensamentos e teorias.

³ O Teatro do Absurdo se refere a peças criadas no pós-Segunda Guerra Mundial e que tratam da atmosfera de desolação, solidão e incomunicabilidade da humanidade.

narrativa dos personagens se assemelha com o cenário contemporâneo da humanidade. Durante a pandemia, a humanidade teve em evidência o sentimento de esperança. À espera de uma vacina, o medo e a incerteza eram combustíveis para uma esperança por dias melhores. De acordo com esse cenário e a espera, Reis (2021) reflete:

O que significa esperar nos anos de 2020 e 2021, diante de uma pandemia que assola o mundo? Seria esta nossa Europa em guerra? Como esperar um fim diante de uma polarização política que parece negligenciar as estatísticas de mais de 575 mil vidas ceifadas no Brasil por um vírus? Como nossas relações de “performances eu-subjetivas” serão transformadas pós pandemia? (REIS, 2021, p. 106).

A obra destaca sempre momentos de confusão mental: a esperança cega dos personagens, por vezes, tira-os da realidade por vezes. Assim como também aconteceu durante a fase pandêmica do Covid-19, onde muitas vezes chegamos a nos questionar o que era real e o que era invenção, imaginação, *fake news*. Foi uma avalanche de informações, desencontros e dúvidas, tudo isso contribuiu para o caos instaurado.

Os personagens demonstraram estarem perdidos no tempo, perdidos diante da dor alheia, como quando Vladimir fala na obra “– Eu estava dormindo enquanto os outros sofriam?” (BECKETT, 2017, p. 15). O personagem se vê perdido em sua realidade, e se vê indiferente à dor do outro. Quando Vladimir questiona se estava dormindo enquanto os outros sofriam ele questiona, de certa forma, a sua humanidade. Podemos nós, sermos humanos em nossa plenitude se, na verdade, dormimos enquanto o outro sofre? Apesar de ter surgido na peça de Beckett como questionamento existencialista pós-guerra e reflexo da filosofia Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Albert Camus (1913-1960), este foi um pensamento muito presente durante o processo pandêmico. Trata-se da impossibilidade de se sentir confortavelmente “de férias”, enquanto boa parte das pessoas sofria com os impactos do isolamento social e das mortes, que em países como Brasil e Estados Unidos chegou a 3.000/4.000 por dia. Em seguida o personagem volta a se perder em seus pensamentos:

Trecho 4:

VLADIMIR - Estarei dormindo agora? Amanhã, quando estiver pensando que acordei, que direi do dia de hoje? (...) Também para mim alguém está olhando, também sobre mim alguém estará dizendo: ele está dormindo, ele não sabe nada, deixa ele dormir (BECKETT, 2017, p. 15).

Os personagens estão sempre questionando e relativizando o tempo: a forma como o tempo passa; a demora da espera por algo melhor. É perceptível que a espera por “Godot” resulta na sensação de que o tempo demora mais a passar. Para a humanidade, Godot se assimilaria a vacina, durante um tempo na pandemia a humanidade se viu tão perdida que já não tinha esperança e só a chegada da vacina pôde mudar esse sentimento coletivo. Para nós, a força salvadora apareceu e na obra restou a incerteza.

Quando vivemos esperando o fim da vida, vivemos sem sentido e a falta de sentido de viver resulta na perda da noção do tempo. São sensações interligadas. Vejamos na passagem seguinte como os personagens entendem o tempo:

Trecho 5:

VLADIMIR – Deu para passar o tempo.

ESTRAGON – Teria passado de qualquer forma.

VLADIMIR – Sim, mas não tão depressa” (BECKETT, 2017, p. 150).

Um personagem tenta convencer o outro de que existem meios de amenizar a demora em “passar o tempo”, o que mais surpreende é a resposta de Estragon:

Trecho 6:

ESTRAGON – A gente sempre inventa alguma coisa para ter a impressão que a gente existe, hein, Didi? (BECKETT, 2017, p. 150).

A ciclicidade presente na obra parece um castigo infernal, um *looping* sem fim, algo que maltrata os personagens, assim como demonstra Souza (2020) em sua análise:

Percebemos a presença de uma circularidade a qual denominamos trágica que ecoa o sentir melancólico da geração pós-guerra. O sentimento do absurdo, pensado pelo filósofo Albert Camus, encontra um escopo no fazer literário de Beckett ou expressar-se enquanto a cisão entre sujeito humano e mundo. O absurdo, tão evidente e ao mesmo tempo tão difícil de ser assimilado, invade a existência de um indivíduo, como observamos ao longo das análises do texto de Beckett, e rompe a serena harmonia que havia entre o ser e o mundo. Retira do universo esse ente consciente de seu ser e de sua finitude e o obriga a encarar, com um esforço lúcido, o que é de fato: nada. Nesta relação simbiótica, o indivíduo poderá encontrar o absurdo e a indiferença que constituem sua soberania (SOUZA, 2020, p. 75-76).

Portanto, a obra ressalta o existencialismo. Os personagens estão sempre a refletir sobre o futuro e o que lhes espera, sempre mantendo a esperança em algo que aparentemente é bom, mas sem agir para alcançá-lo. Assim acontece com a maioria da humanidade: vivemos esperando a morte e buscamos idealizar sempre algo bom no pós-morte; em vida, estamos sempre à espera de algo que mude o nosso panorama. Assim como os personagens, nunca teremos a certeza do que nos espera.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi compreender a correlação entre as obras literárias e a nossa realidade. A visão de Beckett em *Esperando Godot* (1952) se mostrou atual no momento em que traz à tona os percalços vividos pela humanidade e discutidos pelo existencialismo nos momentos de crise, assim como a realidade enfrentada por toda a humanidade frente à pandemia da Covid-19. Essas correlações podem ser notadas nos momentos de incerteza presentes na obra e na atualidade.

De acordo com o presente estudo, além do clima de incertezas, negativismo e desesperança, foi possível notar o instinto confuso da obra, a confusão que é intrínseca dos personagens e que nos remete a mesma atmosfera vivida durante a pandemia de Covid-19. Ao longo desses anos de crise, o clima de morte assolou a humanidade. Muitos pensaram que seu último minuto chegaria e viviam esperando apenas a sua hora de partir para outro plano.

Todavia, existe sempre a esperança em dias melhores, em uma força suprema, em algo divino, que nos tirará do mundo de incertezas. Apesar da constante sensação que o fim estaria próximo, a esperança em dias melhores sempre esteve presente durante toda a obra, mesmo que não se saiba no que se crê e nem por quem ou por que se espera. O ato de existir dos personagens é

construído por meio da esperança cega, onde os personagens passam toda peça retratando sua crise existencialista, contudo, sem perder a fé em dias melhores.

A obra em análise se passa em um cenário pós-guerra, momento similar à atualidade pelo fato de também da sociedade vivenciar os momentos pós-crise, pós-pandemia, o que contribuiu em verificar as crises existencialistas na obra e no momento pandêmico vivido pela sociedade.

REFERÊNCIAS

BECKETT, Samuel. **Esperando Godot**. Editora Companhia das Letras, 2017.

BISPO, Scarlett Queen Almeida. **Subsídios agrícolas da China: Desafios entre a demanda doméstica e os compromissos com a Organização Mundial do Comércio (OMC)**. Texto para Discussão, Rio de Janeiro: IPEA, 2021.

BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BONADIO, Gilberto Bettini. Tempo e Linguagem em “Esperando Godot”. **3º Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da UNESP**, Marília, v. 1, n. 1, 2008.

ESSLIN, Martin. **O teatro do absurdo**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018.

ESTIMA, Cláudia Silva Estima et al. **Saindo da pandemia em 60 minutos: em tempos de pandemia**. Porto Alegre: Propel, 2021.

FREITAS, André Ricardo Ribas; NAPIMOGA, Marcelo; DONALISIO, Maria Rita. Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. **Epidemiologia e serviços de saúde**, v. 29, p. e2020119, 2020.

GRAZIOLI, Fabiano Tadeu. O texto dramático e a cena teatral: elementos de análise a partir de Patrice Pavis. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 22, n. 1, p. 337-352, 2019.

KOBORI, Eduardo Toshio. Reflexões sobre o tempo e a repetição em Esperando Godot. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, v. 18, n. 1, p. 117-125. 2019.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; SILVA, Matheus Alves Duarte da. A peste bubônica no Rio de Janeiro e as estratégias públicas no seu combate (1900-1906). **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 6, n. 2, p. 109-124, 2013.

PINA, Hedy Carlos Santos de. A hipótese de eterno retorno de nietzsche como uma interpretação científica e cosmológica do mundo. **Polymatheia-Revista de Filosofia**, v. 13, n. 23, 2020.

REIS, Adriel Diniz dos. **A experiência de Samuel Beckett no cinema**. 2021. 180 f. Tese (Doutorado) - Curso de Performances Culturais, Universidade Federal de

Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em:
<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/11935/3/Tese%20-%20Adriel%20Diniz%20dos%20Reis%20-%202021.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2022.

RIBEIRO, Joana Marques. **Metamorfoses do olhar: reflexões sobre a formação do leitor literário contemporâneo**. 2020. 291 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SARTRE, Jean-Paul. **El existencialismo es un humanismo**. UNAM, 2006.

SILVA FILHO, José Brito da. **A experiência da cia. Ortaet de teatro no centro-sul cearense: percurso pedagógico e processos criativos**. 2020. 194 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Cênicas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

SIMONI, Karine. De peste e literatura: imagens do Decameron de Giovanni Boccaccio. **Anuário de Literatura**, p. 31-40, 2007.

SIQUEIRA, Estela Cristina Vieira et al. A Pandemia de Covid-19, Direitos Humanos e Refúgio no Brasil.

SOUZA, Ayanne Larissa Almeida. A circularidade trágica em Esperando Godot, de Samuel Beckett. **Revista Letras Raras**, v. 9, n. 1, p. 55-76/Eng. 52-74, 2020.

THOMÉ, Brenda Bressan; DELLA GIUSTINA, Sílvia. **Uma análise do tempo em Esperando Godot, de Samuel Beckett**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, à Deus, por nunca desistir de mim mesmo nos meus momentos de pouca fé e permitir que minha avó esteja viva nesse momento para conseguir ver o que meu avô (*In Memoriam*) sempre sonhou e planejou pra mim.

À dona do Carmo, minha avó, por sempre ter orgulho em falar que vou ser a primeira de seus onze netos a se formar.

À minha mãe, que mesmo sem saber o que é um trabalho de conclusão de curso, por sempre mostrar orgulho e sempre me ajudar sem se dar conta.

Aos meus amigos e conhecidos que sempre torceram por mim e pelo meu sucesso. Em especial, à minha amiga Deise que foi essencial para minha trajetória acadêmica, por estar comigo desde o primeiro período, por sempre me ajudar, por ser sempre minha inseparável companheira de trabalhos acadêmicos, a que sempre soube me ouvir.

À Raissa que sempre me acalmou e esteve ali quando eu mais precisei.

À minha tia Ducinha e meu tio Júnior pelo amor e confiança. Obrigada por estarem sempre torcendo por mim desde os meus primeiros passos, amo vocês.

À Neidja e José Augusto por me apoiarem e me ajudarem quando eu mais precisei durante o curso.

Ao meu orientador e pioneiro de minha paixão por literatura, Joselito. Professor Valécio e professor Giovane que foram essenciais na minha formação

acadêmica. Graças às suas dedicações em sala de aula que eu não parei um minuto sequer de estimar todas as literaturas vistas durante a graduação.

Às outras professoras que tive a honra em ser aluna: Telma, Marília, Marta (*In Memoriam*), Daniela, Jéssica e Karyne. Guardarei vocês eternamente em meu coração e em minha memória. Saibam que professora Talita sempre terá um pedaço de cada uma de vocês, dentro ou fora de sala de aula.